

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
Curso de Ciências Contábeis

BSFEAC

DEPARTAMENTALIZAÇÃO

INÊS SILVIA CARNEIRO BARBOSA
Matr.: 9107916

Fortaleza, Agosto de 1996

BSFEAC

、 SUMÁRIO

、 Introdução	02
、 Natureza e Classificação dos Custos Gerais de Produção	03
Exemplo Prático - I	05
、 A Importância da Departamentalização e sua Classificação	06
、 Alocação dos Custos e Critérios de Rateio	08
Bases de Alocação	10
Exemplo Prático - II	13
、 Alocação dos Custos dos Departamentos de Serviços aos Departamentos de Produção e ao Produto	15
Síntese de Esquemas	18
、 Custos para Decisão - O Problema da Alocação dos Custos Indiretos Fixos	19
Exemplo Prático - III	20
、 Contabilização dos Custos	25
、 Metodologia	26
、 Conclusão	27
、 Bibliografia	28

• INTRODUÇÃO

• O presente trabalho trata da natureza dos custos gerais da produção e dos métodos utilizados para classificar esses custos e atribuí-los aos produtos.

• Para dar início, definimos e classificamos os custos quanto à apuração: direta e indireta, pois é de fundamental importância para que se tenha um bom entendimento da distribuição dos custos dentro da empresa. Assim procedemos em relação aos departamentos e centro de custos para evidenciar seu funcionamento e entender como cada departamento contribui com o processo produtivo.

• Essa divisão em departamentos facilita a alocação dos custos aos produtos, como também dar uma melhor visão ao empresário na hora de arbitrar valores a seus produtos (custo para decisão). Até que esses custos cheguem aos produtos é necessário utilizarmos critérios de rateio através de uma base conhecida; evidenciamos então a importância da escolha da base de rateio.

Para que se tenha um melhor entendimento, finalizamos com um exercício prático de como é realizado a divisão dos custos aos departamentos de serviços, transferindo-os aos de produção até chegar aos produtos.

• NATUREZA E CLASSIFICAÇÃO DOS CUSTOS GERAIS DE PRODUÇÃO

• Os custos gerais de produção são aqueles que não podem convenientemente identificar-se com unidades, serviços, processos ou produtos específicos, nem a eles diretamente designados. Eles constituem uma parte invisível do produto acabado.

Alguns exemplos de materiais indiretos são os itens tangíveis tais como óleo lubrificante, materiais de limpeza e outros materiais que são necessários para a fabricação do produto final, mas não se tornam fisicamente uma parte dele. Os custos de mão-de-obra indireta classificam-se como os custos dos serviços de diversos tipos de pessoal de produção que não trabalha na elaboração física dos produtos, mas cujos serviços são, não obstante, necessários à elaboração do produto acabado. São exemplos: Supervisores, recebedores, superintendência, manuseadores de material, pessoal de manutenção do prédio, etc.

Os custos gerais de produção incluem ainda o custo de aquisição e manutenção dos instaladores de produção e gastos diversos da fábrica. Esta categoria de custos é conhecida também como outros custos gerais de produção ou ainda custos indiretos de fabricação. Relacionados a eles estão também as depreciações das instalações e equipamentos, aluguéis, calefação, luz, força, impostos imobiliários, seguros, telefone, condução, etc.

• Os custos podem classificar-se em diretos e indiretos quanto à apuração. Esta classificação diz respeito à possibilidade de alocação de cada custo diretamente a cada tipo diferente de produto, ou departamento e à impossibilidade de alocação, no momento da ocorrência do custo.

Os custos diretos são aqueles que podemos identificar como pertencendo a este ou aquele produto, pois há como mensurar-se quanto pertence a cada um, de uma forma bem objetiva e direta. É o caso das matérias primas, das embalagens, dos componentes, da mão-de-obra direta (se realmente existe verificação e medição de quanto se está gastando em cada produto), dos serviços executados por terceiros, da energia elétrica consumida (quando há medidores que identificam quanto se está

consumindo em cada item). São apropriados aos produtos sem que seja necessário fazer rateios e não oferecem dúvidas quanto a serem deste ou daquele item que está sendo produzido.

Os custos indiretos são aqueles incorridos dentro do processo de produção, mas que para serem apropriados aos produtos, obrigam-se ao uso de rateios. Rateios são artifícios que se usam para distribuir os custos que não conseguimos ver com objetividade e segurança a quais produtos se referem. Com base nos rateios estima-se o quanto deve ir de depreciação, do custo com o pessoal que não trabalha diretamente sobre o produto, da energia que não medimos (quanto é consumida por cada item), do aluguel, dos materiais consumidos na fábrica mas que não consegue relacionar diretamente com o produto (exemplos: combustíveis, lubrificantes, higiene, limpeza, solventes, etc.).

• Uma outra classificação usual (e a mais importante que todas as demais) é a que leva em consideração a relação entre os custos e o volume de atividade numa unidade de tempo. Divide basicamente os custos em fixos e variáveis (Eliseu Martins).

Os custos fixos são aqueles que num período tem o seu montante fixado mas não em função do volume de produção. Tem-se que atentar para o fato de que os custos fixos, embora fixos, não são eternamente do mesmo valor. Eles podem modificar-se tanto em função da variação de preços, como de expansão da empresa ou ainda da mudança de tecnologia. Um exemplo claro seria o aluguel da fábrica que num determinado mês pode até aumentar, mas não em função do volume de produção e sim em virtude da adição de mais um imóvel.

Tendo como exemplo matéria-prima consumida no mês os custos variáveis dependem da quantidade de bens fabricados, ou seja, quanto maior a quantidade fabricada maior o seu consumo, levando em consideração uma unidade de tempo.

• DESSE MODO:

Fixos e variáveis levam em consideração a unidade de tempo, o valor total de custos com um item nessa unidade de tempo e o volume de atividade.

Diretos e Indiretos levam em consideração a unidade produzida.

Diretos e Indiretos só se aplicam a custos propriamente ditos enquanto que fixos e variáveis podem aplicar-se também às despesas.

Os custos diretos são quase sempre variáveis, mas os indiretos podem ser tanto fixos (predominantemente) quanto variáveis.

EXEMPLO PRÁTICO - I

SEPARAÇÃO ENTRE CUSTOS E DESPESAS

A indústria Cobap LTDA incorreu nos seguintes gastos no período de 01.01.95 a 31.12.95.

Despesas de Juros	150.000,00
Luz e Força - Fábrica	220.000,00
Seguros da Fábrica	70.000,00
Salários Administrativos	230.000,00
Honorários da Diretoria	130.000,00
Depreciação Equipamentos de Produção	170.000,00
Comissões de Vendedores	210.000,00
Matéria Prima Consumida	750.000,00
Frete de Venda	140.000,00
Manutenção da Fábrica	190.000,00
Material de Consumo (Escritório)	60.000,00
Material de Fabricação Diversas	80.000,00
Salários da Fábrica	290.000,00
Correios, Telefone, Fax	60.000,00
	2.750.000,00

Resolução:

Custos Diretos	
Luz e Força (Fábrica)	140.000,00
Matéria Prima Consumida	750.000,00
Salários da Fábrica	290.000,00
Custos Indiretos	
Seguros da Fábrica	70.000,00
Depreciação Equipamentos da Produção	170.000,00
Manutenção da Fábrica	190.000,00
Material de Fabricação Diversas	80.000,00
Luz e Força	80.000,00
(ESTES SERÃO INTEGRADOS AOS CUSTOS DOS PRODUTOS)	
Despesas Financeiras	
Despesas de Juros	150.000,00
Despesas Administrativas	
Salários Administrativos	230.000,00
Honorários da Diretoria	130.000,00
Material de consumo	60.000,00
Correios, Telefone, Fax	60.000,00
Despesas com Vendas	
Comissões de Vendedores	210.000,00
Frete de Venda	140.000,00
(ESTAS NÃO DEVERÃO SER ALOCADAS AOS PRODUTOS)	

• A IMPORTÂNCIA DA DEPARTAMENTALIZAÇÃO E SUA CLASSIFICAÇÃO

• A departamentalização torna-se necessária para uma “indústria” para que se tenha uma melhor e mais correta distribuição dos custos indiretos aos produtos, assim, se comete menos injustiças na hora de arbitrar valores ao preço de vendas do produto com base nos seus custos de produção.

• Geralmente para fins de organização, a fábrica é dividida em departamento, ou centros de custos, comumente em uma base funcional, ou segundo tipo de trabalho executado. Assim, é possível atender a tanto aos objetivos de custeio dos produtos como aos controles, da seguinte maneira: primeiro, atribuem-se a um departamento (inclusive a cada departamento de serviços) os custos que são controláveis por aquele departamento; segundo, preparam-se informações e relatórios de controle sobre cada departamento de produção e de serviços, para uso da direção da empresa; por último, para fins de custeio dos produtos, atribuem-se os custos não-controláveis e rateiam-se os custos dos departamentos de serviços pelos departamentos de produção.

Com o advento dos equipamentos eletrônicos de processamento de dados, com sua grande capacidade de armazenamento de dados, possibilita a manutenção de registros de custos à base de, virtualmente, todas as características.

• Departamentalização da “despesa indireta de produção” significa dividir a fábrica em segmentos, chamados departamentos ou centro de custo, aos quais se debitam as despesas. Em sentido contábil, os principais motivos para dividir uma fábrica em departamentos são (1) controle mais chegado dos custos de despesa indireta e (2) determinação mais precisa do custo dos serviços e produtos (Adolph Mait, Othel J. Curnye George N. Frani - 1973).

• Departamento “é a unidade mínima administrativa para a contabilidade de custos, representada por homens e máquinas (na maioria dos casos) desenvolvendo atividades homogêneas” (Eliseu Martins - 1945). Podem ser divididos em dois grupos: departamentos de serviços e departamento de produção. Os departamentos de serviços vivem basicamente para execução de serviços e não podem apropriar seus custos diretamente aos produtos, pois estes não passam por eles. São prestadores de serviços aos outros departamentos, têm seus custos transferidos para que deles se beneficiam. O departamento de produção é aquele que contribui diretamente para produção do produto que está sendo manufaturado.

Em certos casos os departamentos se subdividem posteriormente em centros de custos, para fins de controle do custo e índice de “custos gerais de fabricação”. O uso de centro de custos resulta em um aperfeiçoamento no controle dos custos indiretos e na aplicação dos produtos que passam pelo departamento, principalmente, quando se usam diferentes tipos de máquinas.

Portanto, centro de custo “é a unidade mínima de acumulação de custos de fabricação” (Eliseu Martins, 1945). Alguns centros de custos acumulam custos alocáveis a toda a fábrica, por exemplo: depreciação dos edifícios e manutenção. Costuma-se agregar, esses custos e chamar de “departamento” o seu conjunto.

• ALOCAÇÃO DOS CUSTOS E CRITÉRIOS DE RATEIO

• Alocação de custos reflete-se a um custo comum a dois ou mais departamentos, ou produtos. O objetivo é dividir da maneira mais justa possível, os custos ao produto ou departamento pela alocação dos custos na proporção relativa de sua incidência. Assim, um sistema de alocação de custos deve agrupar todos os custos indiretos de fabricação a algum produto para obter-se uma estimativa do custo “total” do produto.

• Os custos indiretos de fabricação são alocados aos produtos da seguinte maneira:

- 1) Aloca todos os possíveis custos indiretos ao departamento responsável pelos mesmos. Tais custos incluem normalmente, a mão-de-obra indireta do departamento, suprimentos usados pelo departamento e a depreciação do equipamento do mesmo.
- 2) Aloca todos os custos gerais da fábrica (tais como a depreciação dos prédios, consertos dos prédios, ou eletricidade e água, na medida em que não forem medidas por departamento) aos departamentos de serviços e produção sobre os quais incidem. A alocação deverá basear-se na medida mais “equitativa” possível.
- 3) Aloca os custos dos departamentos de serviços aos departamentos de produção, na medida exequível da performance dos serviços.
- 4) Aloca os custos indiretos departamentais ao produto.

• CRITÉRIO DE RATEIO

• Para distribuir as parcelas do custo indireto por cada um dos produtos diferentes que foi fabricado, é necessário efetuar o rateio.

Não é possível, por exemplo, determinar a parcela do custo indireto “aluguel de um galpão onde se elaboram diversos produtos diferentes”, pertencente a cada um dos produtos durante o período da sua ocorrência. Só no final do período é que o valor do aluguel periódico pode ter as suas parcelas distribuídas pelos diferentes produtos que consumiram aquele custo.

• O rateio é uma divisão proporcional pelos valores de uma base conhecida. Esses valores devem estar disponíveis no final do período de apuração de custo. Entre as bases disponíveis elege-se aquela considerada como a melhor para o custo que será rateado, em função da afinidade entre os dois, por se supor que o custo tem correlação direta com a base escolhida. Critérios bons numa empresa podem não sê-los em outra, em virtude das características especiais do próprio processo de produção. É absolutamente necessário que a pessoa responsável pela escolha dos critérios conheça bem o processo produtivo.

Eliseu Martins alerta para que se tenha maior consistência nos critérios escolhidos, pois a alteração de um critério poderá provocar mudanças no valor apontado como custo de um produto, sem que de fato nenhuma outra modificação tenha ocorrido no processo de produção. “A consistência na aplicação desses critérios é de extrema importância para avaliação homogênea dos estoques em períodos subsequente, de forma a não se artificializar resultados”.

• Ainda com relação a escolha dos critérios de rateios, Eliseu Martins aborda a influência dos custos fixos e dos custos variáveis na hora de decidir qual critério obedecer. Para isso se utiliza de uma regra: departamentos cujos custos sejam predominantemente fixos devem ser rateados à base de potencial de uso, e departamentos cujos custos sejam predominantemente variáveis devem ser rateados à base do serviço realmente prestado.

BASES DE ALOCAÇÃO

O estabelecimento das bases para incorporações dos custos indiretos de fabricação aos custos dos produtos e serviços industriais, constitui uma das operações mais delicadas em matéria de contabilidade industrial.

• O objetivo primário, ao selecionar uma base, é assegurar a mais precisa apropriação dos custos gerais de fabricação aos produtos manufaturados. Um objetivo secundário na seleção de uma base é minimizar os custos e esforços de escriturários. Quando duas bases, ou mais, proporcionam aproximadamente o mesmo rateio dos custos indiretos, dever-se-ia usar a base mais simples (Adolph matz, 1913). Os métodos específicos usados para distribuir os custos indiretos de fabricação e o custo dos departamentos de serviços variam de empresa para empresa. Algumas vezes, é devido as diferenças nas estruturas de organização, mas pode também ser relacionado com o grau de requinte desejado pela direção em sistema de custeio e com os tipos de registros mantidos.

• Por essas e outras situações práticas, é difícil sustentar que apenas um método de distribuição seja apropriado para cada item de custos indiretos de fabricação, em todas as circunstâncias. Abaixo apresentamos uma lista de bases sugeridas para a distribuição dos custos gerais.

Custo ou Departamento	Custo de Alocação
Depreciação dos Edifícios	Espaço relativo ocupado no terreno
Aluguéis	Espaço relativo ocupado no terreno
Manutenção e Reparo dos Prédios	Espaço ocupado
Luz	Espaço ocupado, pontos de luz, quilowatts-horas
Energia (se não for medida no departamento)	Potência do equipamento, espaço ocupado, horas de c.v., horas máquinas
Laboratório	Número relativo de trabalhos efetuados ou tempo relativo gasto em trabalhos para cada departamento
Aquecimento	Espaço ocupado
Manutenção	Tempo gasto pelo pessoal da manutenção ou valor do equipamento do departamento
Oficina Mecânica	Custos das tarefas, horas de mão-de-obra
Pessoal	Número de empregados, horas trabalhadas
Almoxarifado	Custos dos materiais utilizados, números de aquisições atendidas

• Após decidirmos que base de alocação de custos usar, torna-se necessário que separemos os custos a serem alocados em três grupos, assim temos:

- (1) Aqueles custos que podem ser controlados pelo gerente do departamento que usa o serviço.
- (2) Aqueles custos que, ainda que não controláveis pelo gerente do departamento, são mais ou menos variáveis como o nível de produção.
- (3) Aqueles custos que nem são controláveis pelo gerente do departamento nem variam com o nível de produção.

• Essa separação dos custos coloca em evidência os custos que requerem cuidados especiais na determinação de um método de alocação. Quando um departamento pode controlar o nível de despesas, é importante termos um método de alocação que motivará o administrador desse departamento a manter essas despesas debaixo de cuidadoso controle/ Como exemplo temos a manutenção, que se for alocada ao departamento, como uma parte do custo total da manutenção, baseada no valor contábil da maquinaria e equipamento, o chefe terá pouco incentivo para programar, eficientemente, a manutenção porque ele é alocado pelo mesmo montante aproximadamente, não importando a quantidade de manutenção que seu departamento requer. Se, porém, os custos de manutenção forem alocados na base de horas trabalhadas pelo pessoal da manutenção atualmente ocupado em seu departamento, ele será motivado a usar o pessoal da manutenção conscienciosamente.

O segundo grupo dos custos alocados variam com o volume de produção. Por exemplo, uma parte considerável das despesas de energia variará, usualmente com o volume de produção. Ao calcularmos o custo do produto, é de grande importância que essa despesa seja refletida como um custo variável. Se a energia é alocada aos departamentos com alguma base arbitrária (potência relativa do equipamento) o custo não variará com o volume ao nível do departamento. Se o departamento "A" teve 30% da potência relativa da fábrica, ele será alocado com 30% dos custos totais com a energia. No entanto o departamento "A" trabalhou apenas com 50% de sua capacidade durante um mês qualquer e o resto da fábrica trabalhou a 100% de capacidade, então, 30% do custo total da energia não será uma alocação razoável.

O uso de custos padrões a volumes padrões superará a objeção de que os custos variáveis não foram estabelecidos corretamente. Continua um problema, no entanto, porque a variação padrão, no que se refere à energia, não tem sentido. Os custos alocados será uma função da produção total da fábrica, ao invés da produção do departamento.

• Normalmente, onde um custo alocado varia com o volume, é bastante fácil encontrar uma base para determinar a "parcela justa" de um departamento. É no entanto, algumas vezes um problema encontrar um método barato para medir

essa “parcela”. Pode não ser prático, por exemplo, medirmos a água, vapor ou energia por departamento. Se o total das despesas é relativamente pequeno, uma alocação mais ou menos fixa não fará nenhum mal. É importante, porém, reconhecer essa situação de maneira que as taxas de custos indiretas reflitam esses custos como sendo variáveis.

O terceiro grupo de alocação de custos por necessidade é arbitrário e há, geralmente, pouca escolha entre métodos alternativos. Esses custos são alocados ao produto para fornecer à administração uma aproximação aos custos totais, e a administração deverá entender que a parte fixa dos custos unitários é somente uma aproximação grosseira.

- Existe um método para se testar a razoabilidade de um sistema particular de alocação, ele consiste em tentar diversas combinações. Todas as combinações devem resultar praticamente nas mesmas respostas .

EXEMPLO DE RATEIO - II

A cia x em 31/12/95, tinha os seguintes C.I.F.:

Aluguel da Fábrica	R\$ 200.000,00
Depreciação de Equipamentos	R\$ 120.000,00
Encargos Sociais - Folha de Pagamento	R\$ 50.000,00
Perdas de Estoque	R\$ 10.000,00
	R\$ 380.000,00

Os C.I.Fs serão distribuídos por três setores: fabricação, administração e controle de qualidade. Os critérios de rateio serão os seguintes:

C.I.F.	BASE DE RATEIO
Aluguel	Área ocupada por cada setor
Depreciação dos Equipamentos	Valor dos equipamentos de cada setor
Encargos Sociais	Valor da folha de pagamento
Perdas do Estoque	Absorvida integralmente pelo setor de fabricação

DADOS COMPLEMENTARES

SETOR	ÁREA OCUPADA (M ²)	VR. EQUIPAMENTO	VR. FOLHA DE PAGAMENTO
Fabricação	5.000	8.000.000,00	1.800.000,00
Administração	1.400	4.000.000,00	500.000,00
Controle de Qualidade	2.200	3.000.000,00	300.000,00
Totais	8.600	15.000.000,00	2.600.000,00

SOLUÇÃO

ALUGUEL

VL: 200.000,00 - ÁREA OCUPADA

$$\frac{\text{C.I.F.}}{\text{Área Total}} \times \text{Área Ocupada}$$

Fabricação	=	$\frac{200.000,00}{8.600,00}$	x	5.000	=	116.279,06
Administração	=	$\frac{200.000,00}{8.600,00}$	x	1.400	=	32.558,13
Controle de Qualidade	=	$\frac{200.000,00}{8.600,00}$	x	2.200	=	51.162,79

DEPRECIAÇÃO

	<u>C.I.F.</u>			
	Valor Total dos Equipamentos	x	Valor Equipamento Setor	
Fabricação	= $\frac{120.000,00}{15.000.000}$	x	8.000.000	= 64.000,00
Administração	= $\frac{120.000,00}{15.000.000}$	x	4.000.000	= 32.000,00
Controle de Qualidade	= $\frac{120.000,00}{15.000.000}$	x	3.000.000	= 24.000,00

ENCARGOS SOCIAIS

	<u>C.I.F.</u>			
	Valor Total Folha	x	Valor Folha Setor	
Fabricação	= $\frac{50.000,00}{2.600.000,00}$	x	1.800.000,00	= 34.615,39
Administração	= $\frac{50.000,00}{2.600.000,00}$	x	500.000	= 9.615,39
Controle de Qualidade	= $\frac{50.000,00}{2.600.000,00}$	x	300.000	= 5.769,23

PERDAS DE ESTOQUE:SERÁ ABSORVIDA PELO SETOR FABRICAÇÃO

QUADRO DEMONSTRATIVO DO RATEIO

	Fabricação	Administração	Controle de Qualidade	Total
Aluguel	116.279,07	32.558,13	51.162,80	200.000,00
deprecia	64.000,00	32.000,00	24.000,00	120.000,00
Encargos	34.615,39	9.615,38	5.769,23	50.000,00
Perdas	10.000,00	-	-	10.000,00
Total	224.894,46	74.173,51	80.932,03	380.000,00

, ALOCAÇÃO DOS CUSTOS DOS DEPARTAMENTOS DE SERVIÇOS AOS DEPARTAMENTOS DE PRODUÇÃO/E AO PRODUTO

• Existem dois métodos principais para alocar os custos dos departamentos de serviços aos departamentos de produção:

- (1) Alocar os custos dos departamentos de serviços somente aos departamentos de produção.
- (2) Alocar os custos dos departamentos de serviços a outros departamentos de serviços assim como aos departamentos de produção.

No primeiro método decidi-se uma base para alocar os custos de cada departamento de serviço em seguida aloca-se os custos dos departamentos de serviço diretamente aos departamentos de produção nessas bases.

No segundo método, os custos dos departamentos de serviços são alocados como se segue:

- (1) Decidi-se um método para alocar o custo de cada departamento de serviço aos outros departamentos.
- (2) Coloca-se os departamentos de serviços de maneira que eles possam ser fechados. Essa ordem se baseia na quantidade de serviço que o departamento fornece a outros departamentos de serviço comparando-se a quantidade de serviço que ele recebe ou presta. O primeiro departamento a ser fechado é aquele que tem a maior quantidade de saldo de serviços prestados a outros departamentos de serviços. E assim, sucessivamente até o último departamento de serviço, que será aquele que recebe a maior quantidade de serviços.
- (3) Feche os departamentos de serviços aos departamentos de produção. O primeiro departamento de serviço da lista de departamento será fechado a todos os outros departamentos tanto de serviço quanto de produção. Isso continuará até que todos os departamentos de serviços estejam fechados e alocados aos departamentos de produção.

• ALOCAÇÃO DOS DEPARTAMENTOS DE PRODUÇÃO AOS PRODUTOS

• O objetivo principal da alocação dos custos indiretos departamentais ao produto é fornecer uma “parcela justa” dos custos indiretos departamentais a cada um dos produtos produzidos no departamento. Normalmente, a base usada é a mão-de-obra direta horas trabalhadas ou valor, porque é geralmente convencionado que a mão-de-obra é a melhor medida de quantidade relativa de custos indiretos necessários para produzir uma peça.

O crescimento no grau de automação em muitas indústrias tornou a mão-de-obra direta uma base menos relativa para alocar os custos indiretos ao produto.

As horas de trabalho das máquinas torna-se uma base relativa para alocar os custos indiretos departamentais aos produtos, porém, requer um cálculo mais complexo.

Um outro tipo de base de alocação usado é o material direto. O material deverá ser usado somente como base de alocação quando os custos indiretos estão extremamente relacionados ao valor do material.

• De maneira geral, a base de mão-de-obra direta tem muitas vantagens sobre as outras bases descritas e deverá ser usada onde fornece resultados comparáveis. Esse método é amplamente usado, e também compreendido pela administração. Ele, normalmente requer menos trabalho burocrático. Por exemplo, os custos indiretos absorvidos durante um mês podem ser calculados pela multiplicação das taxas dos pesos dos departamentos pela mão-de-obra padrão incorrida. Outros métodos geralmente envolvem a multiplicação do montante do peso padrão unitário aplicável a cada peça pelo número de peças produzidas e a soma dos resultados.

• Existem duas situações na determinação dos custos que frequentemente causam uma distorção nos custos do produto: uma resulta de diferença de valor contábil do equipamento entre departamentos e fábricas; a segunda resulta de diferenças na capacidade utilizada entre departamentos ou fábricas.

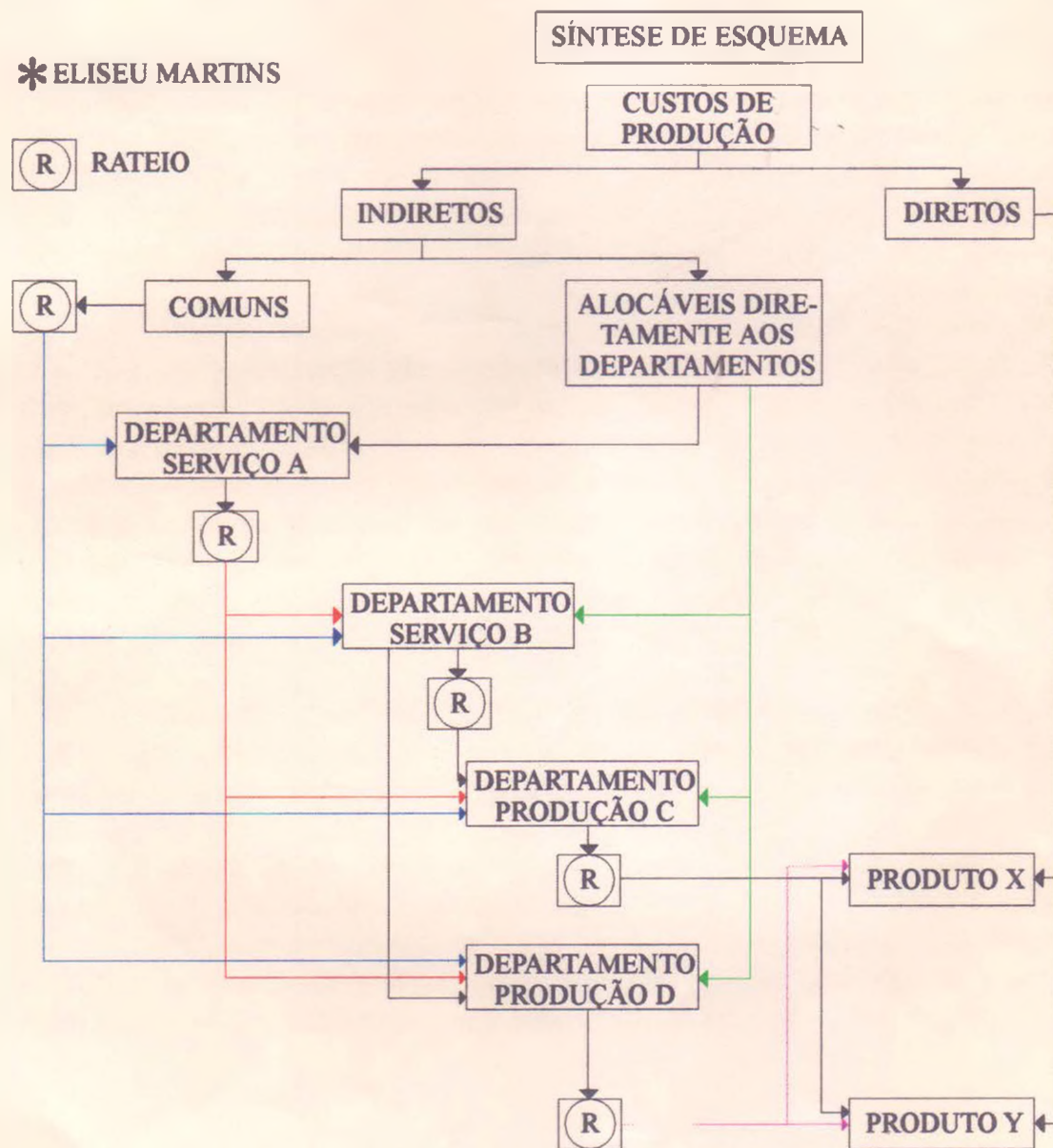
Em qualquer dos casos, o ponto a considerar é que pode-se ter um impacto muito maior no custo do produto do que os métodos de alocação dos custos de serviços aos departamentos de produção ou os custos departamentais à linha de produção.

Para Eliseu Martins, o esquema básico completo da contabilidade de custo é o seguinte:

- 1º Passo: Separação entre custos e despesas;
- 2º Passo: Apropriação dos custos diretos diretamente aos produtos;
- 3º Passo: Apropriação dos custos indiretos que pertencem, visivelmente, aos departamentos, agrupando, à parte, os comuns;
- 4º Passo: Rateio dos custos indiretos comuns e dos da administração geral da produção aos diversos departamentos, quer de produção, quer de serviços;
- 5º Passo: Escolha da sequência de rateio dos custos acumulados nos departamentos de serviços e sua distribuição aos demais departamentos;
- 6º Passo: Atribuição dos custos indiretos que agora só estão nos departamentos de produção aos produtos segundo critérios fixados.

* ELISEU MARTINS

(R) RATEIO



• CUSTOS PARA DECISÃO - ● PROBLEMA DA ALOCAÇÃO DOS CUSTOS INDIRETOS FIXOS

• Eliseu Martins em seu capítulo 14 (Cont. Custos) mostra-nos através de exemplos que quando se quer saber qual “produto” atrai mais lucro para empresa para que se possa incentivar sua venda, é necessário que tomemos cuidado na alocação dos custos indiretos variáveis, custos indiretos fixos e ainda na escolha do critério de rateio, pois, como já observamos outrora, podem mudar completamente o valor unitário de um produto.

• Depois de fazer comparações entre dois critérios de rateio e ainda comparar a alocação feita aos produtos dos custos indiretos somados os fixos e variáveis passando assim os dois por um rateio, ou então, somente fixos passando por rateio ficando os variáveis (ind.) apropriados diretamente aos produtos, chega-se a conclusão que a maior dificuldade fica mesmo por conta da apropriação dos custos indiretos fixos, pois o fato de serem no total independentes dos produtos e volumes, faz com que seu valor por unidade dependa diretamente da quantidade elaborada, assim não adianta ficar imputando para cada unidade de cada produto uma parcela de custo fixo, argumenta Eliseu Martins.

Entende-se assim que para se ter um valor menos distorcido do real, ou seja, o valor que cada unidade efetivamente traz para a empresa de sobra, devemos apropriar a cada unidade somente os custos variáveis.

• Dessa forma chega-se ao conceito de “margem de contribuição por unidade”, ou seja, deduz-se das receitas somente os custos variáveis de cada produto. Logo entendemos que não existe “lucro” por produto e sim margem de contribuição e os custos fixos serão deduzidos então somente da margem de contribuição já que não pertencem a este ou àquele produto, e sim ao global.

.CONTABILIZAÇÃO DOS CUSTOS

• A forma de contabilização pode ser variada. Existem desde os critérios mais simples até os mais complexos.

• O critério simples é feito através da contabilização dos Custos pela Contabilidade Financeira em contas apropriadas e transferência direta para os estoques à medida que os produtos são acabados ou então só no fim do período sem registros das fases de rateio. Dessa forma, havendo um bom sistema de arquivo, as melhores fontes dessas informações sobre distribuição serão sempre os próprios mapas.

• O critério complexo seria representado pelo detalhamento contábil no mesmo grau do detalhamento dos mapas de custos. Essa contabilização, geralmente é desaconselhada, devido ao número extremamente grande de lançamentos sendo assim de pouca utilidade prática devido à dificuldade do manuseio de informações registradas dessa forma.

• Assim, a prática diz que, quanto mais simples for o sistema de contabilização melhor, desde que a empresa mantenha um adequado sistema de arquivamento de mapas.

. METODOLOGIA

• Partindo da premissa que a Contabilidade de Custos ocupa-se da classificação, agrupamento, controle e atribuição dos custos e de como (a maioria) das empresas estão organizadas através de departamentos, centro de custo, sugere-se a departamentalização.

• Levando-se em consideração que os departamentos existem e apresentam custos, essa departamentalização é especialmente importante sempre que diversos departamentos ou fábricas participam da elaboração dos produtos.

• Dessa forma, esta monografia vem de estudos de casos de diversos autores e pela própria dinâmica de custos.

. CONCLUSÃO

• Sabendo que dentre as finalidades da contabilidade de custos está a determinação do custo final global por unidade de produção para ser comparado com o preço de venda, entende-se então a importância que a grande maioria das empresas têm em se departamentalizar.

• Essa departamentalização em muitos casos, vai ajudar a dinamizar os serviços e até mesmo melhorar o controle feito pela direção da empresa quanto aos custos de cada setor. Através dela, cada setor terá seu controle e será imprescindível para uma racional distribuição dos custos indiretos.

BIBLIOGRAFIA

1. MARTINS, Eliseu. Contabilização de Custos. 4ªed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1993.
2. MAIZ, Adolph; CURRY, Othel; FRANK, George. Contabilidade de Custos. São Paulo: Editora Atlas - Vol. - I, 1993.
3. HERRMANN, Jr. Frederico. Custos Industriais. 7ªed. Editora Atlas S.A. - Vol. - I, 1974.
4. BACKER, Morton; JACBSEN, Lyle. Contabilidade de Custos. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, Ltd, 1972.
5. GOMES, Dutra Rene. Custos, uma abordagem prática. 3ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1992.

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários a obtenção de Grau de Bacharel em Ciências Contábeis outorgado pela U. F. C., encontra-se a disposição dos interessados na biblioteca da Feaac da referida universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Aprovada em 23.08.96

Orientador da Monografia

Pedro ~~Pálio~~ Vieira

TERESINHA MARIA TABALCANTI COELHO